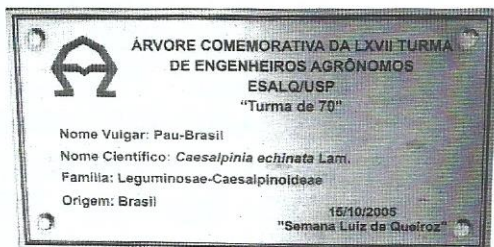


UM SONHO A MAIS...

# UM SONHO A MAIS...

Newman Ribeiro Simões





tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
 xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
 tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac

tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • " Eu não vivo do passado,  
o passado é que vive em mim." • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • (Paulinho da Viola)  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac  
xc • tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-  
tic-tac • tic-tac • tic-tac • tic-tac



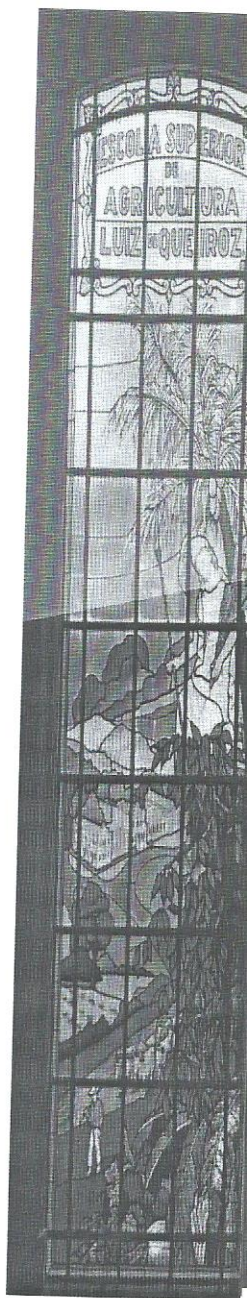


# tic

Manhã quente do verão que inaugurava a década de 70. Perto do lago, de frente para o pavilhão de Botânica, o local preparado para o plantio de uma muda de árvore. Um jardineiro, em traje simples, mas digno, esperava para plantá-la. Coisa corriqueira para ele, mas simbólica e significativa para aqueles jovens que deixavam a ESALQ. Era dia de festa para eles. Era trabalho normal para o servidor. Um dia ímpar para o orador da turma, o Peca, que discorreu sobre o significado daquele ato. E contou uma história, ouvida do professor Heládio, de um senhor cego, agrônomo, que, abraçado por longo tempo a uma grande árvore, fora abordado por um jovem que queria saber o significado daquele gesto. “As belezas que a vida me fez ver”, disse o senhor, “estão dentro de mim, mas já não as vejo mais, e isso é triste. Mas, ao abraçar esta árvore da minha turma, sinto que estou cheirando, tocando, ouvindo toda a natureza e conversando com ela, sentindo o pulsar do mundo.” E, terminando o discurso, desejou que todos os colegas pudessem, dali a 30 ou 40 anos, abraçar aquela árvore da turma de 70, sentindo o mesmo respeito pela natureza. Desejou, é claro, que todos estivessem, por aquela ocasião, em plena capacidade, não só visual. Os jovens, alegres, aplaudiram e se dispersaram, esperando as solenidades de gala naquela noite. Ninguém percebeu que os olhos do jardineiro marejaram, como se um pouco de chuva ameaçasse deslizar pela sua face. Olhou fixo para aquele frágil vegetal, sentindo que era uma árvore única entre tantas que plantara. “Esses moços...”

# tac

Manhã quente de 15 de outubro de 2005. Senhores grisalhos, ou carecas, barrigas avantajadas, senhoras (muito mais bem cuidadas) e familiares rodeavam a árvore frondosa que sombreava o gramado perto do lago de frente para o pavilhão de Botânica. Desta vez, aquele grupo reencontrava sua árvore para ver a nova placa providenciada pelo colega Vitti. A original devia estar enfeitando alguma república de estudantes. Peca, o mesmo orador, relembrou a história que contara há 35 anos. Todos notaram que seus olhos marejaram como se um pouco de chuva ameaçasse deslizar até os seus lábios. E, de voz embargada, lamentou pelos colegas que nunca mais poderiam abraçar aquela árvore (nem outras) e convocou os presentes a repetir e a repartir o tradicional reencontro dos cinco anos, até que o último tivesse força para ser a própria turma, a turma que nunca quis acreditar que “o sonho acabou” e, por isso, pedia um sonho a mais. Naquele momento ninguém enxergava, mas devia pairar no ar o leve sorriso de um anônimo e ausente jardineiro.



# tic-tac

Sinceramente, nunca soubera que aquela era a árvore da minha turma. As palavras do Peca me comoveram e, dias depois, fui até o local fotografar a nossa árvore e a placa que a distingue das outras do parque.

Sem rodeios, pois 35 anos devem ter mostrado coisas do arco-da-velha desse nosso Brasil agrícola, vou contar-lhes o que aconteceu.

Ao enquadrar a placa no visor da câmera fotográfica e ajustar o foco até ler o seu conteúdo percebi algo estranho. O nome "Caesalpinia echinata" não me entrava pelos olhos, pela luz, mas pelos ouvidos. Era como se não enxergasse e estivesse lendo. A razão me indicou a impossibilidade disso, e também não aceitou, de imediato, que uma voz havia pronunciado aquele nome em latim. Olhei ao redor, com cuidado. Ninguém, a não ser um grupo de estudantes que caminhava, longe, para alguma aula. Voltei a concentrar-me na foto e, mais que depressa, novamente a mesma voz: "echinata; Caesalpinia echinata; Pau Brasil é meu nome vulgar. Como tenho o pavilhão de Botânica em minha frente, não me fica bem o nome vulgar e muito menos esse "Pau Brasil" para uma senhora como eu".

Dado o meu isolamento, não me foi difícil controlar a estupefação e deixar as coisas correrem sem observação externa que me constrangesse naquela situação inusitada. "Philomena...com Ph, mas se lê Filomena. Gostaria de ser chamada assim. Era o nome da avó das crianças do local onde me cultivaram antes de vir para cá". Acho que estou delirando, pensei comigo. "Nada de delírios; e nem pensar que tu estás cego, como na história que teu amigo contou". É que eu..... "Desculpa-me" -- adiantou-se ela -- mas nunca pude dizer algo de mim. Já que recebeste a minha voz, agradeço se puderes dar-me tua atenção. Aliás, acho que a ti também fará bem".

Muito rapidamente me convenci de que, ninguém notando o que ali se passava, eu poderia fazer segredo



daquela coisa louca. Ou, talvez, estivesse mesmo ficando louco, o que, por motivos maiores, deveria esconder. “Tu já viste árvore ser ouvida por alguém? Falo-te em pensamento. Ou melhor, você fala por mim. Se eu não estivesse em teu interior -- não como árvore, claro -- tu não poderias conversar jamais com Philomena. Por outro lado, a quem contares o que está se passando, ninguém acreditará mesmo. Mas acho que não deves temer essas coisas. Assim como tu, outros ouvirão somente se puderem me aceitar em seu interior. Não como árvore, já disse, mas como natureza. Não é questão de ouvido, mas de alma. Tenho o universo na árvore que sou e tens o universo no homem que és”.

Bem, àquela altura nem tinha condição de contestar mais nada. Ademais, aquelas palavras pareciam tocar minhas sensações, penetrando pelos poros e com peso bastante para me fazer mergulhar no outro lado do tempo. E foi assim que as lembranças me conduziram para aqueles momentos de juventude. E a voz calou-se por um momento e eu ainda sentia seus dizeres em pensamentos. O silêncio se fez profundo. O tic-tac do relógio soava como se o tempo estivesse se perdendo gota a gota, como se por ali estivessem passando as areias de todas as ampulhetas. Esperei por um momento e o tic-tac avolumou-se, não em intensidade, mas jorrando imagens, virando o tempo pelo avesso. Entre o tic e o tac, fechei os olhos e convoquei saudades, deixando-me levar para aqueles instantes que teimavam em não terminar. Foi tudo muito rápido e flashes daquele período difícil me ocorreram ; o mundo em ebulição e ... nada mais de reflexivo e racional me veio à mente. Era com fervor e convicção que se entoava o hino de Vandrê: “Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não,...” “Mas nós também éramos garotos que amávamos os Beatles e os Rollings Stones.

“Ah, juventude. Solo arado por vontades fortes e irrigado por ideais férteis”. Já não sabia se eram as minhas lembranças ou o que dizia a Philó (assim acho que ela gosta mais). “O poeta já disse que a memória é um presente que nunca acaba de passar. E eu te digo que ninguém sabe de que substância se faz a saudade”. Olhei para os lados





para não ser surpreendido como um louco em pleno campo da Escola que me formara."Mas você é Agrônomo?" , perguntou-me na certeza de saber que nunca exercera a profissão. "Sou, porque um dia fui", respondi-lhe um pouco acanhado. "Gostei da sinceridade na resposta", disse-me ela de um jeito tão calmo que me vieram à mente os novembros que germinavam seus dias em meio ao escarcéu de cigarras; em festa de flamboyants e flores desverdejando canteiros como se fossem sonhos coloridos brotando do chão. Era assim, também nossa juventude, num tempo em que eram poucos os antigamentes e, com aquela turma, caminhávamos lado a lado talvez já separados pelos futuros que cada um desenhava para si; futuros de onde ecoavam descobrimentos e conquistas sem pensar nas cicatrizes que a vida iria nos deixar como marcas.

"Para recordar essas coisas é que fazem essas reuniões num tempo que amadurece a cada 5 anos para dar um instante de beleza a ti e a teus amigos. Vejo bem a alegria do reencontro, a força dos abraços, com braços abertos como espantalho em arrozais. Um frêmito jovial e sincero como se fossem crianças tirando dos embornais sementes de saudades e riem gostosamente". Fez uma pausa repentina parecendo lamentar a impossibilidade de celebrar, à nossa maneira, um reencontro. Senti que Philó procurava me agradar, mas, com uma oportunidade, ela estaria incluindo suas recordações como se fossem nossas também. Perguntei-lhe, então como é, para ela, o que nós, humanos, chamamos de saudade, memória? "Ah, meu caro. A natureza se incumbiu de me provisionar elementos para suprir minhas necessidades. Sim, necessidades de um ser vivo, sem desejos como tu. Estiro-me para o desconhecido e misterioso na imensidão de minhas raízes que sabem escolher o que deve subir para a luz. Depois posso saudar o ar com flores. A semente já se revela no fruto e, nela, uma outra como eu não deixa criar esse vazio, esse descontínuo que provoca o que chamamos de saudade... Parou sem me parecer que procurasse lembrar-se de algo que pudesse trazer lembranças. Mais parecia invejar-me a condição de saudosista, de ter memória e de poder trazer para o presente o já vivido. "Não

invejo nada de ti" -- falou-me adivinhando meus pensamentos. "Muito do que me chega do ambiente tem uma repetição, não digo cíclica como o tempo do teu relógio, mas com uma frequência que preenche vazios ou necessidades, tal como fazes a cada 5 anos. Aqui, parada neste lugar há 35 anos, não sabes por quantas e diferentes vezes senti a respiração da noite, enorme e feminina; o piscar das estrelas, o surgir e o desaparecer do sol e da lua, como que um vasto sistema de sinais entre esses seres imensos nos fizesse senti-los delicados. A tropa de grilos e sapos no lago da Botânica me oferece serenatas que são verdadeiras sinfonias. As investidas ternas, coloridas e alegres da primavera; o calor abrasante, umas vezes seco, outras encharcado dos verões; as abelhas empenhadas nas flores, cerzindo a primavera, colhendo pólen e abelhando mel nos favos; os pássaros bosteando-me, os cachorros mijando-me e as formigas enfileirando minhas folhas, levando-as embora; o outono derrubando as folhas que eu formei com a promessa de repô-las mais rejuvenescidas".

Senti que ficara ofegante ao procurar me mostrar que não era tão monótona assim a vida de uma árvore como ela. Mas o que ela dizia tinha outro alvo. Fez uma longa pausa. Até pensei que houvesse se esgotado nossa conversa, quando me ocorreram duas coisas decisivas para nós e que podem não fazer o menor sentido para uma árvore: o tic-tac do tempo é um ladrão do nosso suprimento de auroras e, como disse o Guimarães Rosa, saudade é um ninho de ausências!

"Nem tanto." -- ela retomava, lendo meus pensamentos e continuando com voz grave, de catedrática. "Deixa-me falar-te uma coisa que a condição de minha imobilidade me fez perceber: entre vocês, uns vivem, outros desvitem, mas todas as folhas que de mim caíram foram só minhas e eu as construí. Nenhuma outra árvore deste bosque teve aquelas folhas. Um dia me acabarei por inteira, como quer a vida; este parque nunca mais me terá e, nem por isso, será mais feio (ou bonito, sei, lá); mas nenhum bosque do mundo poderá ser comparado a este da ESALQ, porque só ele teve essa árvore que deixa de lado seu nome vulgar e o científico para ser a árvore da A-70.



Isto me basta para ser única em todo o universo. Por isso, tenha-me pelas flores e sementes que produzi, não pelas folhas que tombaram; não contes as noites pela escuridão, mas pelas estrelas que brilham; e a vida não a conte, mas cante-a pelos triunfos e não pelos aparentes fracassos... Agora quero me despedir ceciliando minha fala. Mas, antes, abraça-me e saberás o que o velho senhor cego da história quis dizer. Este abraço me fará sentir o que nenhuma árvore do mundo, em todos os tempos, jamais sentiu”.

Suas palavras não penetravam pelos meus ouvidos. Pareciam me envolver e, levemente, tiravam-me do estado extático ao dizer os versos de Cecília Meireles: “Pousa sobre esses espetáculos infatigáveis/ uma sonora ou silenciosa canção./...Por ela os homens te conhecerão./ Por ela os tempos saberão/ que o mundo ficou mais belo, ainda que inutilmente,/ quando por ele andou teu coração.

Como a árvore é de toda a turma, procurei registrar essa conversa. Nossos encontros de 5 anos haverão de continuar a servir para recuperar brilhos antigos, cores que o tempo foi desbotando e serão “recomeçares de vida a cada convocação da memória”. Por isso pedimos a Deus que nos conceda mais uns alqueires de vida e uns tantos insumos para fertilizarmos nossas almas, expulsando o medo que aduba os fantasmas. E este lugar não será apenas um sítio onde vivemos talvez o período mais lindo de nossas vidas. Esse lugar somos nós, nas nossas lembranças, nas nossas saudades. Esse lugar, e todos que nele dividiram suas vidas conosco, estão tatuados em nossos corações.

Newman

## Loucos e Santos

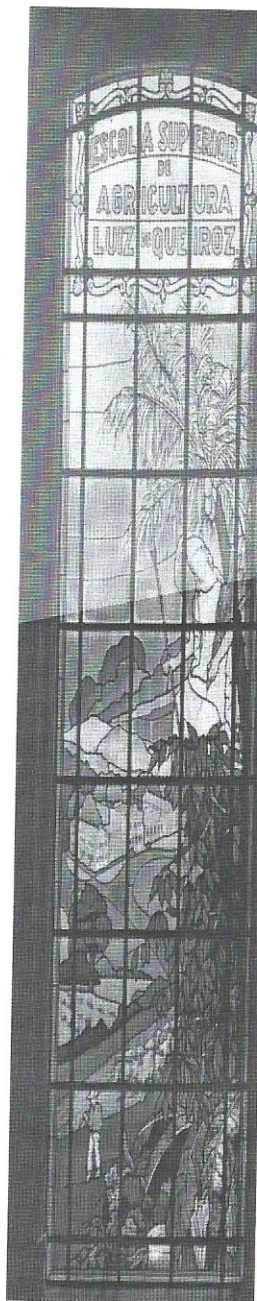
Escolho meus amigos não pela pele  
ou outro arquétipo qualquer, mas pela pupila.  
Tem que ter brilho questionador e tonalidade inquietante.  
Quero os santos, para que não duvidem das diferenças  
e peçam perdão pelas injustiças.  
Escolho meus amigos pela alma lavada e pela cara  
exposta.

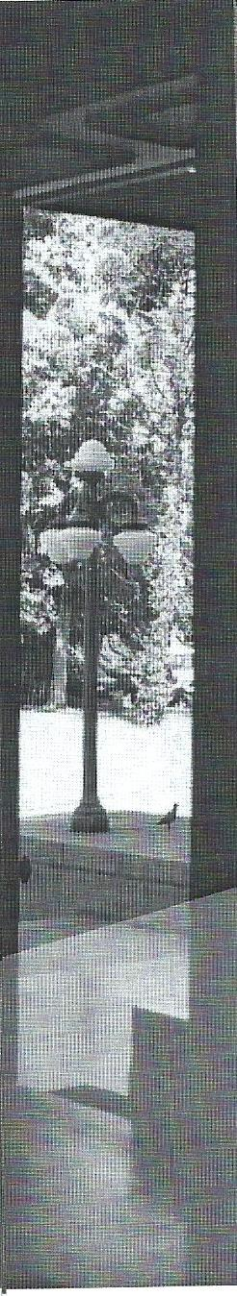
Não quero só o ombro e o colo,  
quero também sua maior alegria.  
Amigo que não ri junto,  
não sabe sofrer junto.  
Meus amigos são todos assim:  
metade bobeira, metade seriedade.

Não quero risos previsíveis,  
nem choros piedosos.  
Quero amigos sérios, daqueles que fazem da realidade  
sua fonte de aprendizagem,  
mas lutam para que a fantasia não desapareça.  
Não quero amigos adultos nem chatos.  
Quero-os metade infância e outra metade velhice!  
Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no  
rosto;  
e velhos, para que nunca tenham pressa.  
Tenho amigos para saber quem eu sou.  
Pois os vendo loucos e santos, bobos e sérios,  
crianças e velhos, nunca me esquecerei de que  
"normalidade"  
é uma ilusão imbecil e estéril.

*(Oscar Wilde)*

Tudo que é bom, dura...  
...o tempo suficiente para se tornar  
inesquecível.





ESCOLA  
AGRICOLA  
LUIZ DE



70

